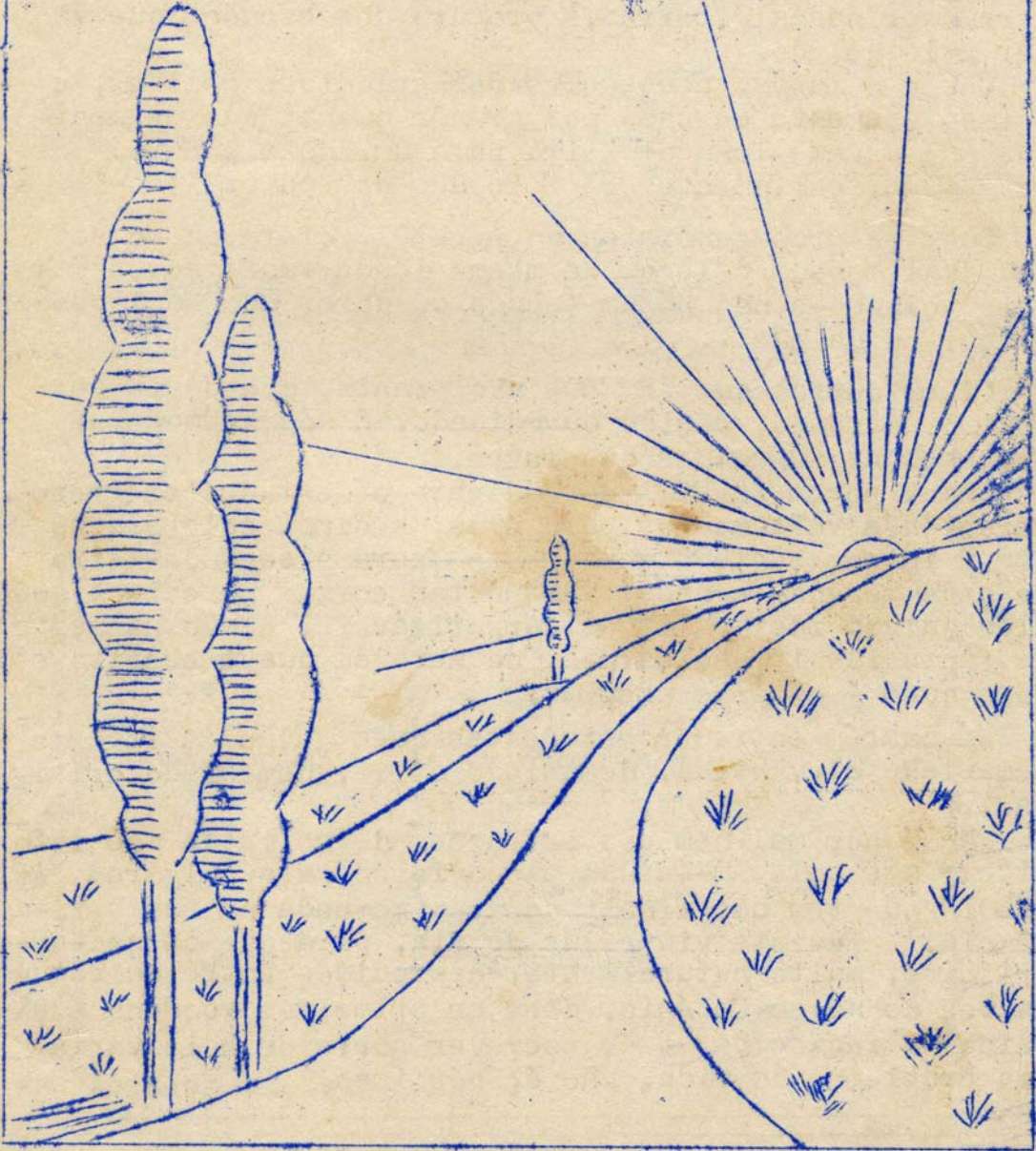


ARREBOL



Editorial

Mal desponta o rapaz do chocalho, lá em cima, a badalar como quem grita aos quatro ventos que aí vêm os produtos da "Glacial", logo muitos estudantes começam a remexer nas algibeiras, à procura dos escudos que vão dar pelo gelado.

Chega o rapaz, mensageiro das gulodices geladas, e é imediatamente cercado por grande quantidade de meninos que desembolsam dinheiro para um, dois e mais "sorvetes". É, certamente, ter licença dos pais.

Saem os propagandistas do ARREBOL, oferecem-no aos estudantes seus colegas da mesma idade, mais novos ou mais velhos—e não há um escudo ou dois, não há licença do pai ou da mãe...

Dizem outros que ARREBOL não presta, que devia ser assim ou assado, cozido ou guisado. E nós achamos bem algumas das sugestões que fazem.

Como, porém, ARREBOL nasceu para os estudantes escreverem, nós voltamo-nos para eles, pedimos colaboração dessa interessante e que presta—para a segunda-feira de cada semana—e nada! Têm muitas coisas na cabeça que eles julgam ideias lindas corporizáveis, e não passam de fantasias irrealizáveis, no meio em que é escrito e para quem é escrito ARREBOL.

Há também entre os estudantes quem julgue a revista demasiado alevantada, demasiado séria, demasiado crítica...

Não é por mal nem com intenções derrotistas que isto dizem; mas colocam-se num plano falso para julgarem "ARREBOL" que tem uma finalidade bem marcada na sua existência. A revista viu a luz do dia, para que os neo-escretores, muito naturalmente, aparecidos entre os estudantes do nosso Colégio, dêem os primeiros voos na sua faina de raciocinar e de escrever sobre os mais variados problemas da vida. Não é, por isso, uma folheta pa-

ra que se divirtam os meninos e fiquem tão leves (ou levianos) como quando lêem o "Guri" ou a "Cara Alegre!" Não ! Queremos é que cada número de "ARREBOL" seja um estímulo a mais para os jovens leitores—e não só para os escritores—se dedicarem com entusiasmo e com a seriedade possível à cultura do espírito. E é muita pena que os da casa ainda não tenham compreendido o que os de fora já viram claramente, só pelas alusões feitas a cada número no "Diário de Moçambique": "Tronco em Flor", jornal da M. P., sabe que existimos para elevar o nível artístico-literário da juventude. E tem uma ciência certa. Honra lhe seja ~~o~~ ^oia deve estar no número dos bons entendedores, para quem meia palavra basta.

Talvez também haja quem não goste de "ARREBOL" por não ver o seu nome estampado nele, em cada edição:— No entanto, "ARREBOL" tem as suas páginas à disposição de TODOS os estudantes, embora prefira os que melhor raciocinam e melhor escrevem, como é natural.

Além disso, parece-nos que será grande prova de solidariedade com os companheiros que escrevem e um inteligente modo de matar saudades no futuro assinar e colecionar "ARREBOL" com carinho e amor.

"Da virtude ao vício é um passo,
Do vício à virtude,
Há infinitas léguas a vencer."

—António Botto—

Poesia

SÓ AQUI NO SERTÃO

Só aqui no sertão,
É que se vêm coisas engraçadas,
Crianças muito bem aperlaltadas
A falarem de amor, do coração.
Todas as coisas dignas de menção,
Só aqui no sertão.

Só aqui no sertão,
É que se vê senhoras elegantes,
Bem vestidas, contudo ignorantes,
Trazendo um cãozinho pela mão,
O qual dorme em caminha de colchão!
Só aqui no sertão...

Só aqui no sertão,
É que se vê amar só o dinheiro,
Quem o tem, é de todos o primeiro,
Pelos homens o mais considerado.
E o que o não tem, além de não ter pão,
É por todos, mas por todos, escorraçado.
Só aqui no sertão...

Só aqui no sertão,
É que se vêm pobres estudantes,
Serem por toda a gente desprezados,
Enquanto que vadiolas ignorantes,
Não sei porquê, são muito acatados.
Só aqui no sertão...

Só aqui no sertão?
—Pergunto agora!— Não! Em todo o mundo,
Há desmoralização, pecado imundo,
Vale mais a mentira que a razão.
Mas é por toda a parte, não é não
Só aqui no sertão!

A. Oliveira
(5º ANO)

O SONHO

ENTRE duas montanhas, em plena noite, avistava-se, cada vez mais perto, uma luzita que se apagava de vez em quando, quando eu subia ou descia uma encosta! Era o meu pobre lar.

Cheguei. Uma hora da manhã. Tudo silencioso!

--Piloto! Piloto! -- Chamava eu o meu inseparável amigo, que todas as noites vinha ao meu encontro, e nada! Abri a porta e entrei.

O meu maior encanto foi ao ver a casa desmantelada: cadeiras partidas, louça despedaçada no chão, etc.

Corro ao quarto e deparo com o meu Piloto, morto ao fundo da cama.

Vou ao cofre e... Roubaram-me. Fiquei na miséria.

Sentei-me na cama e pus-me a cismar. Quem foi? Quem não foi? E não havia meio de descobrir.

Três horas, num pequeno despertador da sala de jantar.

Lenvantei-me às escuras e, quando me dirigia à casa de banho, oiço uma voz oculta, que me faz parar:

--Nem mais um passo!

Um vulto se aproximou de mim, empunhando uma arma. Mal se desenhava na escuridão.

Tiro um sapato e, sem uma palavra, atiro-lho.

Com o estrondo, acordo naquele momento.

O sapato, que foi parar ao fundo da cama, partiu o espelho do guarda-fatos.

Prejuízo material dum sonho.





—Sou o dono da Quinta das Rosas e vou para o Porto onde haverá uma grande feira. Queres ir comigo? Verás muitas coisas bonitas como por aqui não há!

—Quero, sim! Mas, quem guardará as minhas ovelhas? Ah!, é verdade o Toino há-de vir cá guardá-las!

—Quem é o Toino?

go) —É um rapaz meu amigo e se eu lhe disser que lhe traço Porto uma corneta de barro, guarda-me o rebanho nem que seja uma semana ou duas.

—Então diz-lho, que eu lhe darei depois uma corneta como ele nunca viu.

Comeram juntos a merenda e, como o calor fosse muito, o pequeno foi a uma fonte ali perto e trouxe água cristalina e fresca que o seu novo amigo bebeu sofregamente. Depois, deitaram-se na erva fresca à sombra da árvore secular e aí passaram a sesta. Até as ovelhas deixaram de comer e, à sombra de qualquer penedo ou árvore, imitaram o seu guardador.

V

O sol caía lentamente para o lado do Ocidente e, quando chegou ao cimo da serra, apontada pelo pastor, puseram-se em marcha lenta para o povoado. O Sr. Raimundo das Rosas, como se chamava o companheiro de Ramiro, também ia a pé, atrás do rebanho, e levava o cavalo pelas rédeas. A tarde era fresca e silenciosa. As ovelhas caminhavam devagar e iam fartas. Somente o cão infatigável, corria de lado para lado farejando o lobo cruel. Passaram por todos lugares, anteriormente indicados por Ramiro, e, por cada um que passavam, Raimundo ia-se lembrando da indicação que o pequeno lhe dera e sorria. Passaram a velha ponte musgosa já sem sol e, quando entraram no povoado, era quase noite. Como não havia estalagem na terra, Ramiro falou com seus pais e ofereceram-lhe a casa onde o trataram com todo o respeito.

Ramiro foi fazer a proposta ao seu amigo Toiño que, todo contente, aceitou guardar o rebanho o tempo preciso. Nessa mesma noite, fez os preparativos para a viagem e, no dia seguinte, partiu para o Porto com o Sr. Raimundo.

VI

A viagem demorou dois dias, devido ao estado intratável dos caminhos. Ramiro ia radiante e, como era muito falador, divertia o seu novo amigo. Tudo o encantava. Acerca de tudo fazia pergunta sobre pergunta ou comentários próprios da sua idade. Todas as serras, para ele, eram acessíveis, todas as matas tinham boas pastagens para o rebanho. Cada rebanho que encontrava tinha uma ovelha parecida com as suas ou um chocalho igual. Cada povoação para ele tinha uma nova surpresa e as maiores faziam-lhe grande confusão porque nunca tinha visto nenhuma maior que a sua.

Porém, as maiores surpresas ainda estavam para vir.

Ao atravessar o Tâmega, ficou extasiado perante tanta água e já fazia projectos para um barquito de madeira que, faria com o seu canivete, quando viu os barcos pequenos que os aldeões usavam para a travessia ou ir para as suas terras.

Aproximavam-se da Cidade Invicta; o movimento aumentava.

Calculam, agora, a admiração que ao pequeno aldeão causou a visão dos luxuosos automóveis que com ele se cruzavam e que ele via passar, tão rapidamente, deixando apenas atrás de si uma nuvem de poeira que o fazia esfregar os olhos.

Na sua terra, via era carroças puxadas por cavalos e, muito extasiado, perguntava ao seu companheiro:

—Qual é o animal que puxa esses carros tão bonitos e fechados e que andam muito mais depressa que um cavalo novo?

—São automóveis; andam sésinhos; têm um motor que os faz andar. Quando chegarmos ao Porto, hás-de andar num e verás comboios e barcos muito maiores que uma casa grande!

(cont. na pág. 9)

Poesia

QUE SOU AFINAL?

Rios de água ligeira, altas montanhas,
Alegres fontes que cantais a vida,
Sol que iluminas todas as entranhas,
—Porque sois grandes e eu...folha caída

Madre terra que quase o céu arranhas
Na ansia insatisfeita da subida
E os passos meus não sofres nem estranhas
Porque sou eu em ti areia perdida?

Triste pesar meu. Que sou afinal?
—Mesquinho insecto ou género canino,
Sujeito à morte com tudo o que é meu?

Mas ainda existe um dom grande, imortal,
Tão belo, tão sublime e até divino
Que vós outros não tendes mas tenho eu...

Políbio Rosa da Silva Flor
(5º ANO)

ENTRE OS DOIS...

Solicitavam dois pretendentes certo lugar importante que se achava vago.

Um deles, muito honrado mas muito tolo; o outro, muito embora deitasse a mão a qualquer coisa, era muito inteligente.

D. Martinho Pereira, vedor da fazenda, despachou este último e, havendo quem lhe censurasse a escolha, respondeu:

—Não me arrependo do que fiz. Um ladrão faz menos dano numa horta de que um burro.

?

(continuação da pág. 7)

—Que bom! Ainda é muito longe?

—Não! Daqui a uma hora estaremos lá.

Assim, conversando, iam andando lentamente porque o cavalo ia cansado.

Já perto da grande cidade, atravessaram a linha do Douro e Raimundo, olhando-a, não podia passar sem a costumada pergunta:

—Que ferros são estes tão compridos e sempre à mesma distância?

—É a linha onde passa o comboio, vai do Porto até à Espanha. Escuta! ouves aquele barulho? Vês um homem a fechar aquelas cancelas? É o comboio que vem de Espanha. Está a chegar.

Ramiro aumentou as orelhas com as mãos para ouvir melhor e fixou os olhos lá à frente na curva, mudo e quieto. Repentinamente, apareceu a pesada e escura máquina a toda a velocidade. Ao pequeno pareceu um daqueles grandes penedos que ele costumava trepar quando andava a guardar o rebanho. Mas havia uma diferença: Este caminhava para ele tão depressa como os automóveis. O monstro passou chiando e deixando atrás de si longa fita de fumo. Ramiro, de olhos muito abertos, viu o desfilar desta e da corrente de carruagens que rolavam atrás e ficou-se a vê-la desaparecer ao longe, sem dizer palavra.

—Que grande! Que depressa que vai! Que barulho que faz! — foram as únicas palavras que, depois do primeiro momento, saíram da sua boca.

(Continuará)

QUEM ERA O CROMINOSO?

R.: O juiz absolveu o que engordou, porque "quem engorda; não mata, engorda."

O NOSSO CONCURSO

T E M A

1º- Como anunciámos no outro número, o tema deste concurso é o seguinte: Ler com muita atenção todos os capítulos da novela do J. _____ e dar-lhe, ao fim da sua publicação, um título adaptado.

2º- Os concorrentes apresentarão o resultado até ao meio-dia da terça-feira a seguir à publicação do número que traz a última parte da novela.

3º- O resultado será escrito na face de um envelope fechado que terá dentro um papel com o nome do concorrente.

4º- A não observância do número anterior acarreta a eliminação do concorrente.

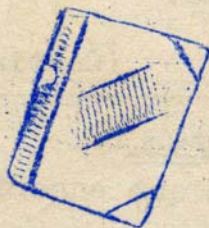
J Ú R I

1º- Será constituído pelo Autor da novela, pelo Director e pelo **Editor** de "ARREBOL" e pelo Presidente da Associação Académica.

2º- Reunirá na quarta-feira a seguir à publicação da última parte do conto.

P R E M I O

Ao concorrente que apresentar o melhor título será atribuído um destes dois prémios, à escolha: ou duas obras de Júlio Dinis, ou um bilhete que o habilite ao sorteio das obras sociais da Paróquia de S. José, em Coimbra.



Quem era o criminoso?

Ao cair da tarde de 23 de Novembro de 1953 encontrava-se a senhora G. à porta de um prédio de apartamentos. Ouve-se um tiro; um homem sai, correndo, mas a senhora G. distingue-lhe perfeitamente as feições.

Tratava-se de um crime. O suposto assassino é preso e a senhora G. reconhece-o. Acontece porém que ele tem um irmão gémeo, precisamente igual a si. Perplexa, a testemunha não ousa determinar qual dos dois terá visto nessa fatídica tarde de Novembro...

O processo demora. Continuam ambos detidos, até que termina o prazo legal de investigação. O Juiz, prestes a mandá-los libertar, faz uma última deligência; manda chamar o guarda da cadeia.

- Como estão os dois gémeos?

- Muito bem, Snr. Dr. Juiz. Um deles emagreceu um pouco; o outro engordou 6 quilos...

O Juiz medita uns momentos. Depois, erguendo a cabeça, ordena:

- Solte o que engordou. Não é ele o criminoso, é o irmão.

(Porquê?: ver a resposta numa das páginas desta revista)



A SEMANA

1

CRÓNICA DESPORTIVA

Defrontaram-se, no dia dezoito, para as finais do Torneio de Preparação, no campo Eng^o Pereira Leite, as equipas representativas do Sporting C. Nampula e da Liga Luso-Africana de Moçambique.

Venceram os "leões" pela folgada margem de 7-1.

O Sporting, jogando desfalcado, pois Silva não pôde de dar o seu concurso por estar castigado, mostrou posuir bom conjunto e praticar bom futebol, embora não esteja no melhor da forma.

O Luso apresentou-se modificado, jogando à base de grande voluntariedade e todo desintegrado.

A arbitragem do Sr. Martins de Sousa não foi fora do normal; embora tivesse alguns deslizes.

Do Sporting destacaram-se Nelsên, Ramalho, Ilídio e Rocha Santos. Do Luso apenas Banana e Abdurramane

✓ CULPADO OU INOCENTE?!!

VITOR MENDES

...Pela cara mal barbeada, corria o suor que se ia enxugar na camisa muito desbotada.

A sua volta, a multidão, suspensa, esperava o desfecho. O silêncio era sepúcral. Podia-se ouvir o zumbir de uma mosca.

A sentença ia ser executada. Ele, porém, não era o culpado. Estava ali, devido a uma falta que não fora feita por ele. O verdadeiro culpado, via-o ele mesmo ali à sua frente. Sim, aquele era o culpado de tudo aquilo.

Aterrado espera o sinal. A ordem ia ser dada. As pernas termiam-lhe. Quis correr, fugir, mas as pernas recusavam. Quis gritar a sua inocência. Mas a ordem chegou breve. O tiro partiu.

.....
Os amigos respiram aliviados. O penalty passara a razar a trave.

VITOR MENDES

.PINCELADAS INOFENSIVAS...

2 Pernas muito peludas, sapatos de tacão e ligas a agarrarem as meias curtas, olhos de lagarto, patilhas quase até aos queixos, calções que mais parecem "shorts". Comandante de castelo da nossa querida M. P., não é raro ouvi-lo exclamar, para os miúdos, quando se encontra numa formatura:

— Firme! Vê lá se não queres levar uma lastívia!

Com o diploma de curso de chefe de quina constantemente no bolso, um canivete que mais parece um machado um maço de cigarros "gazela", o nosso amigo encontra-se armado e equipado para lutar contra exércitos.

Escritor afamado do "Guardian"; Notícias, e Arrebol, jogador de basquete, experimentado, grande interior esquerdo, no futebol e campeão do "boxe" no Ferroviário, o nosso desportista, sinceramente, tem futuro.

Estudando 24 horas por dia, é o urso do 4º ano e ex-chefe de turma do mesmo.

É o melhor atirador do Colégio: consegue meter a 10 metros um tiro de caçadeira no alvo e disso se considera ufano.

Caros leitores, não adivinham quem é? Pois se não adivinham, é porque estão muito mal informados sobre a nossa malta.

Amilcar Andrade

(4º Ano)

3

DE RECLANCE

Ao cair da tarde, pús-me à borda da estrada, a observar os transeuntes, tão diferentes uns dos outros pela forma de caminhar e pela expressão do rosto. Uns caminham a passos largos, com o rosto inexpressivo; outros andam devagar, com um ar de filósofos que Aristóteles invejaria; outros, ainda, caminham com tanta moleza que fazem com que todos os olhem para eles como para lesmas.

E quantas mais diferenças não existem no movimento dos braços ou no balanço do corpo!

Tudo observado dava um rico volume.

Quando, porém, me levantei, para voltar a casa, assediou-me uma pergunta torturante:

—O que terão pensado de mim todos os que ~~passaram~~ ~~o~~ ~~eu~~ observei?

ARTUR FERREAO
(4º ANO)

UM "BAPTISMO" DO AR

4 Na Beira, é uso e costume da gente do Aero Clube fazer baptismos do ar às pessoas que pela primeira vez andem de avião. Se uma pessoa cai na asneira de dizer que é a primeira vez que vai andar lá por cima, pode ter a certeza de que, quando descer do avião, tem um baptismo preparado.

Todos os aviadores que estiverem no campo naquela altura se preparam para a cerimónia. Põem chapéus de jornal na cabeça, trocam os sapatos, ficando com um de cada cor, põem pelos ombros uma capa de tapar os aviões e na mão direita levam uma vassoura.

Quando o avião pára junto ao hangar, levam um balde para perto do aparelho, esperam pela saída do passageiro e, quando ele sai, é que são elas.

Todos começam a rezar "ladainhas", a cantar músicas, etc. O passageiro fica muito admirado, não imaginando que aquilo tudo é em sua honra. Mas mais admirado fica, quando pegam nele muito naturalmente, e muito mais naturalmente lhe mergulham a cabeça no balde. Quando a cabeça está bem baptisada, a madrinha, porque também há uma madrinha, despeja-lhe o balde de água pela cabeça a baixo, acabando assim por o encharcar completamente. Com muita sorte está o passageiro, se não tiver que pagar umas rodadas de wisque a todos.

É assim, mais ou menos, como se faz um baptismo no Aero Clube da Beira.

ANTÓNIO MANUEL BOTTO
(4º ANO)

HISTÓRIA BREVE DA SIMPATIA EM NAMPULA

Os nobres sentimentos e as fundas crenças arrei-
gadas na alma lusitana, quando chega a ocasião,
arrancam ditos e feitos de simpatia que é preju-
dicial para a colectividade deixar no esquecimen-
to. "Arrebol", sempre no intuito de construir—ou edi-
ficar—, vai dedicar uma página por semana à "história
breve da simpatia, em Nampula"

Não temos medo de que nos falte assunto, mas preve-
nimos os leitores de que esta história tem de se encher
com factos ordinariamente, pequeninos e que não deram
alto brado na nossa capital. Serão, mais ou menos, como
os que seguem.

Todos à volta da Procissão de Nossa Senhora de Fátima,
em 13 do corrente. Pensou-se em levar um terço de
luzes, à frente do andor, para que os crentes se capa-
citassem mais da mensagem de Fátima que fala de oração
Muito bem! As luzes, porém, só com fortes baterias se
poderiam manter acesas. E quem levaria as baterias du-
rante o percurso? As costas seria demasiado para qual-
quer serviço. Houve então quem pensasse no "carrinho
de bebé" empurrado por dois anjinhos. Carrinho que al-
guém emprestaria. E foi a Firma Pinheira que, amável-
mente, o emprestou.

— Leve esse, Sr. Padre! Esse deve servir.

— Sr. Pio Quinto, se ele se estragar, mandamo-lo pin-
tar e, depois, trazemo-lo!

— De forma alguma, Sr. Padre. Se isso acontecer, man-
damo-lo pintar nós.

E o carrinho da Firma Pinheira lá andou na Procissão
como um gesto de simpatia.

E as baterias novas e poderosas onde ir pedi-las?

— Vai-se à casa William Philipi!

— Senhor Peixoto, precisávamos de umas baterias para
iluminarmos um terço assim e assim...

— Pronto! Aqui em casa V. Rev. cia não pede—, manda.

E as baterias e o carrinho lá andaram na procissão
a iluminar o terço. Foi a simpatia que se fez luz. M.G.

Arrebol

SERIE III--No 10--
14 de Maio de 1955

DIRECTOR: Arnaldo
Freitas Leal

EDITOR: Fernando da
Silva Inácio Gil

ADMINISTRADOR: Rui
de Bivar

ILUSTRAÇÕES: Antó-
nio Coelho

REDACÇÃO: Colégio-
Liceu VASCO DA GAMA

.-N A M P U L A--.

Sumário

EDITORIAL-----2

SÓ AQUI NOS ERTAO-4

O SONHO-----5

? ? ?-----6

QUE SOU, AFINAL?--8

O NOSSO CONCURSO-10

QUEM ERA O CRIMI-

NOSO?-----11

A SEMANA-----12

VIDA ASSOCIATIVA-16

Arrebol

V I D A -----
----- ASSOCIATIVA

Estão em regra com a Associa-
ção Académica de Nampula:

1º--até ao fim de Abril: Maria
José Seca Reis; Maria Ivone Men-
des Gabriel; Ivone Tomé Monteiro;
Dr. António Ferreira Duarte; Amir
Ali.

2º--até ao fim de Maio: Antó-
nio da Silva Coelho; José da Sil-
va Coelho; Carlos Alberto Vieira;
Joaquim Coelho; António Bizarro
de Castro; Políbio Rosa da Silva
Flor; José Vitor Pereira Correia;
Joaquim Jacinto Ferreira Neves;
Carlos Assis das Neves.

3º-- até ao fim de Junho: Cam-
braia Branco.

4º-- até ao fim de Setembro: Jo-
sé Moedas e Albino Cruz.

5º-- até ao fim de Dezembro: P.
Manuel Martins Canas; Engenheiro
Mascarenhas Gaivão.

Agradecemos a todos a genero-
sidade que têm tido, para com a
Associação Académica de Nampula,
e pedimos continuem a olhar-nos
com o carinho com que nos têm
honrado até ao presente.

RUI DE BIVAR--
-OSCAR SIMÕES-
--TESGUREIROS-